

SOBRE A IDENTIDADE IDEAL-REAL NA FILOSOFIA DE CHARLES S. PEIRCE

IVO ASSAD IBRI

Resumo: Neste trabalho procuraremos mostrar como se conciliam, no interior da obra do filósofo norte-americano Charles S. PEIRCE (1839-1914), *realismo e idealismo*, à luz da construção de sua metafísica. Este ponto que consideramos fulcral para o entendimento de uma série de outras doutrinas correlatas, tem sido mal compreendido ou equivocadamente formulado pela grande maioria dos comentaristas que, não adentrando a genealogia das doutrinas metafísicas peirceanas, procuram, sem sucesso, a partir de um ponto de vista seja cartesiano, seja antropocêntrico, a conciliação da simultaneidade realismo-idealismo no pensamento do autor.

Abstract: In this essay we will be trying to show how realism and idealism are conciliated, within the work of the North American philosopher Charles S. PEIRCE (1839-1914), under the lights of his metaphysical construction. This point that we consider essential to the understanding of a set of other related doctrines has been misunderstood or formulated in an equivocal way by a great amount of commentators, whose approach of the question does not take into account the Peircean genealogy of metaphysical theories, and, by a Cartesian or anthropocentric point of view, they have tried, unsuccessfully, to conciliate the simultaneity of realism-idealism in Peirce's thought.

1. INTRODUÇÃO

Schelling, na Introdução de sua *Philosophie der Natur*, já alertava para a ilusão de que a filosofia crítica de Kant houvera, de fato e por fim, enterrado de vez o *realismo empírico*, não obstante só o tivesse substituído

Ivo Assad Ibri é Professor Doutor do Departamento de Filosofia da PUC-SP.

por um *idealismo empírico*. Este comentário de Schelling, até certo ponto surpreendente, parece não reconhecer uma radical inflexão da filosofia transcendental kantiana com respeito ao um realismo ingênuo associado um “empirismo toscano”, expressão, aliás, de sua própria lavra. Com efeito, pensamos que a crítica de Schelling assume inteligibilidade quando a divisamos sob o horizonte de seu Idealismo Objetivo, que, como se sabe, preconiza uma indiferenciação ontológica e substancial entre realidade e idealidade. É, então, sob o prisma do Idealismo schellinguiano que se esclarece o veio comum entre *realismo e idealismo empíricos*, e que, verdadeiramente, torna-se o objeto da crítica de Schelling. De fato, o autor aponta uma mesmice naquelas doutrinas, conquanto radical possa ter sido a *revolução copernicana*: partilham ambas da concepção de polos privilegiados na relação sujeito-objeto.

Um Idealismo Objetivo, tal qual preconizou Schelling, principalmente em seus efeitos, é também adotado por Peirce, buscando *despolarizar* a relação sujeito-objeto, recusando toda forma de estranhamento que pudesse estar nela coagulada.

2. UM REALISMO ESCOLÁSTICO

Uma defesa vigorosa de um realismo de extração escolástica que se opõe a toda forma de nominalismo faz-se, praticamente, tema ubíquo na obra peirceana. É, então, pelo resgate da antiga querela dos universais que o autor traz para a contemporaneidade a questão sobre a realidade dos universais. Na fase de maturidade de sua obra, o estudo da lógica das relações fá-lo formular mais amplamente a questão, metamorfoseada em – “são reais quaisquer *continua?*”¹ – adotando, a partir daí, um realismo de sistemas preferivelmente a um realismo de gêneros que, segundo ele, mantinha um forte resíduo nominalista, inadequado para sua radical visão do realismo.

De outro lado, a formulação final de seu sistema de *Categorias* e a introdução definitiva da *Fenomenologia* em sua *Classificação das Ciências*², conduz o pensamento de Peirce definitivamente na direção da construção de um amplo sistema metafísico, denominado por ele de *Metafísica Científica*. É dentro de um complexo corpo teórico de matiz ontológico que o autor irá conceber *Realismo e Idealismo* como doutrinas absolutamente correlatas e mutuamente necessárias.

1. NEM-4, pág. 343.

2. Sobre a classificação das ciências de Peirce, consultar o excelente trabalho de KENT (1987).

No que é possível formular dentro dos propósitos deste texto, tal corpo teórico pode ter um início no entendimento do que constitui suas categorias.

À luz da metafísica, a *terceira* categoria de sua tríade, a *Terceiridade*, é o *locus* do modo de ser das *Leis* da natureza, configurada, nestes termos, como mediação real entre Acaso e Existência, que perfazem, nesta ordem, os modos de ser reais da *Primeiridade* e da *Segundidade*. A adoção destas mesmas categorias, no bojo da Fenomenologia, como modos de ser da consciência, já sugere uma ruptura de um dualismo sujeito-objeto, uma vez que *pensamento e lei natural* serão correlatos formais no âmbito da *Terceiridade*, assim como o serão *liberdade, unidade de consciência, e Acaso*, sob a *Primeridade*, e *alteridade e existência* sob a *Segundidade*. Sob pena de não ser logicamente possível uma subsunção categorialmente homogênea de sujeito e objeto, tal ponto de partida *terá* que recusar um dualismo mente-matéria, optando por um *monismo* sobre o qual discorreremos adiante. Não obstante, é importante mostrar como, do ponto de vista da homogeneidade categorial, tal monismo faz-se necessário, tornando ilegítimas interpretações que, do ponto de vista de um dualismo cartesiano, procuram, sem sucesso, a consistência de uma posição simultaneamente realista e idealista.

Distinguindo *realidade de existência*, também ao modo de sua origem na escolástica, Peirce conceituará a primeira como o *locus* da generalidade ontológica ou, mais precisamente, dos sistemas ontologicamente *contínuos* na forma das *leis* da natureza. Enquanto *realidade* está subsumida à *terceira* categoria, *existência* é aquele modo de ser do particular, do individual, caracterizada pela dualidade interagente de forças, situando-se sob a *segundidade*. O individual *concretiza* ou *atualiza* a generalidade da lei sob a forma de uma conduta temporalmente ordenada, que é condição de possibilidade do caráter preditivo do pensamento de um modo geral e da ciência em particular. *Lei*, sob esta consideração, contém um *esse in futuro*, que justamente lhe confere continuidade.

A doutrina peirceana do *Sinequismo*, ou teoria do *continuum*, justamente aquela que suporta, sob o ponto de vista formal, a tese da continuidade da realidade, torna-se, por conseguinte, correlata do *Realismo* do autor³. É do interior deste *Realismo* que Peirce irá extrair um dos pontos de apoio para seu *Idealismo*.

3. A este respeito, em uma passagem de sua obra, Peirce afirma: *Quando estudarmos o princípio da continuidade ganharemos uma concepção mais ontológica de conhecimento e realidade* (CP-4.62).

3. UM IDEALISMO OBJETIVO

Anteriormente consideramos necessário um monismo mente-matéria como decorrência lógica da homogeneidade categorial de sujeito e objeto. De fato, Peirce irá recusar a dualidade substancial entre mente e matéria de extração cartesiana, analisando as duas alternativas daquele monismo. Um monismo materialista, de um lado, conduz a questões insolúveis no que respeita à categoria da primeiridade, aquela que abriga o modo de ser do incondicionado, nas formas externa do Acaso e interna das Qualidades de Sentimento (*quality of feelings*), que requerem um ponto de descontinuidade no *continuum* do tempo, configurado pelo *presente*. O complexo aspecto sistêmico deste posicionamento peirceano, impossível de desenvolvimento no pequeno espaço aqui reservado⁴, insiste nos estatutos do *sentimento* e da *unidade de consciência* como características de estados logicamente *genéticos*, a propósito, fundamentais para o entendimento e desenvolvimento de sua teoria da *Abdução*⁵. Sob o ponto de vista do *Pragmatismo*, o monismo materialista, pela análise de sua *conseqüências práticas*, redundante equivalente a um *determinismo* sem acolhida possível no sistema epistemológico do autor, dada sua admissibilidade de um princípio ontológico de acaso que reivindica um indeterminismo, quer quanto à realidade, quer no que respeita às teorias. Neste ponto, também, confinar-nos-emos a uma oblíqua menção às doutrinas correlatas do Evolucionismo e Falibilismo peirceanos, que a par do Acaso, suportam logicamente aquele indeterminismo⁶.

É, desta forma, que Peirce irá abraçar um monismo em que a *mente*, no sentido de um *eidos* primordialmente genealógico, subsume a *matéria como substância mental exaurida por hábitos inveterados*⁷. Esta idéia, extraída integralmente da Filosofia da Natureza de Schelling que considera a "*matéria uma forma de mente embotada*"⁸, propõe uma gradação de *vida* à concepção de *mente*, em cujos estágios mais elevados seja justamente

4. Trabalhamos esta relação em Ibri (1992), cap. 3.

5. Sobre este tema conferir Ibri (1994), cap.4.

6. A relação entre Evolucionismo, Acaso e Falibilismo encontra-se desenvolvida em Ibri (1992), cap. 3.

7. CP-6.24-25.

8. Schelling (1993), pág. 92.

permeada por graus mais intensos de erraticidade, devidos à presença marcante da primeiridade.

Assim, a equivalência entre realidade e idealidade, proposta por Schelling, é integralmente adotada no interior da filosofia peirceana. Trata-se, aqui, é evidente, de um *Idealismo Objetivo* que, deste modo, não se reduz tão somente à idealidade do sujeito, uma vez superada a dicotomia cartesiana mente-matéria.

4. DA IDENTIDADE REAL-IDEAL NA FILOSOFIA PEIRCEANA

Neste ponto queremos mostrar que o Idealismo de Peirce já exibia suas credenciais na formulação do Realismo. De fato, assumir a categoria da Terceiridade homogênea para pensamento e lei faz supor uma co-naturalidade eidética para ambos ou, em outras palavras, que a tessitura do pensamento seja possivelmente a mesma do modo objetivamente lógico de ordenação dos individuais na segundidade. Novamente, aqui, insere-se um evolucionismo cuja temporalidade intrínseca coloca a mente humana gradativamente formada à luz de uma lógica própria à natureza, harmonizando uma homologia formal entre pensamento e lei.

Por outro ou, talvez, pelo mesmo viés, Peirce insiste que o fenômeno de *inteligibilidade* da natureza pela ciência merece séria consideração como suporte à tese idealista. O Idealismo tem, por conseguinte, a nosso ver, *substancialidade* no monismo mente-matéria e *formalidade* no Realismo. É a *substancialidade* o pano de fundo genealógico da *formalidade*, conforme exibirá a Cosmogênese do autor, pelo lado da ontologia⁹. Não é outro o bastidor da indefinibilidade genética da *forma* no âmbito da interioridade. O crescimento da forma representativa obedece ao vetor vago-definido que, segundo o autor, é o sentido mesmo de toda *lógica* em sua positividade.

9. Procuramos desenvolver em Ibri (1992), cap.5, o sistema da Cosmogênese de Peirce que, por iniciar-se totalmente no plano de uma unidade eidética, é considerado uma linha *extravagante* de pensamento por alguns comentaristas como Apel (1981), págs. 156-157 e Gallie (1975), pág. 216.

5. A REALÇÃO REAL-IDEAL COMO FUNDAMENTO INTERPRETATIVO

A identidade substancial entre idealidade e realidade é o fundamento para uma correta interpretação não só da ontologia, como, também, da epistemologia de Peirce. Esta identidade garante que sejam desfeitas polaridades geradoras de estranhamento entre sujeito e objeto.

São, de fato, inconciliáveis, a nosso ver, realismo e idealismo quando tomados no seu sentido da realidade ou não das “coisas externas”¹⁰. De um lado, exemplarmente, um idealismo subjetivo radical, ao modo de Fichte, declara-se *acosmista*¹¹, ou seja, nega a existência de um mundo exterior. O realismo das “coisas externas”, de sua vez, assume, quando visto à luz do realismo dos *continua* de Peirce, a mesma postura antagônica de um nominalismo que confina, semelhantemente, a generalidade *no* sujeito. Esta dicotomia bi-polar entre idealismo e realismo, já clássica na filosofia pós-cartesiana, é caracterizada por uma dualidade entre doutrinas nominalistas de diferentes roupagens sob a ótica peirceana e, com este enfoque, se têm balizado as interpretações da grande maioria dos comentários à obra de Peirce. O não remetimento ao real contexto do idealismo-realismo do autor, conduz, no mais das vezes, a indevidamente acusá-lo de obscurantismo e inconsistência.

6. CONSEQÜÊNCIAS DA IDENTIDADE REAL-IDEAL EM PEIRCE

São inúmeras as conseqüências epistemológicas derivadas do realismo-idealismo de Peirce. De um lado, soluciona-se a legitimação da indução como figura lógica, já sem os embaraços que são causados pela indemonstrabilidade da realidade das leis. Em verdade, Peirce não busca uma cabal demonstração desta realidade: assume-a como condição de possibilidade para o pensamento positivo em geral e preditivo em especial, sob seu *Falibilismo e Evolucionismo*. De outro lado, a homogeneidade das categorias quanto à interioridade e à exterioridade impede que epistemologicamente se oponha a qualquer representação um resíduo de

10. Esta má formulação da questão aparece em comentaristas clássicos da obra peirceana, como Hausmann (1991), págs. 475-479 e (1993), págs. 143-144 e Almeder (1980).

11. Fichte, *apud* Torres F^o (1975), pág. 76.

mundo incognoscível. Por este viés, os *limites da cognoscibilidade* são legitimamente substituídos pelos *limites da certeza* – tal cláusula decorre, em primeira instância, da combinatória de seu idealismo objetivo com seu indeterminismo ontológico.

Ainda, no âmbito de uma lógica heurística ou da descoberta, são notáveis as conseqüências que advêm da concepção de primeiridade, onde a substancialidade eidética co-natural entre sujeito e objeto, garantida pelo idealismo objetivo, proporciona pensar uma filosofia que conjectura sobre a gênese das teorias, gênese esta que se faz sob o pano de fundo de uma liberdade absoluta de um *não tempo* que se insere evolucionariamente na *temporalidade* para o crescimento da *forma*.

Com forte menção à heurística do esquematismo kantiano presente na Doutrina do Método da 1ª Crítica, a análise peirceana da potência heurística dos *diagramas*, cuja iconicidade não é, tão somente, ao nível da representação, mas pode se legitimar como homologia em relação à realidade dos objetos positivos, conduz ao desvelamento da forma potencialmente presente no argumento originário da Abdução¹².

É, também, destacável que, no interior da metafísica peirceana, as faculdades humanas do pensamento, da imaginação e do sentimento podem exibir sua gênese ontológica sem recorrer a uma banida teologia ou a uma ciência especial como a psicologia a qual, segundo Peirce, nada tem a somar quanto a questões colocadas pela lógica¹³.

Tampouco, no bojo do pensamento peirceano, acolher-se-á a *não* resposta a questões de gênese: tal incognoscibilidade apregoa um silêncio epistêmico estranho ao realismo-idealismo do autor.

12. Vide Ibri (1994), Cap. 4.

13. Examinar, por exemplo, CP-2.51 (1902). Peirce afirma que alguns estudiosos “*confundem verdades psíquicas com verdades psicológicas*” [CP-5.486 (1907)]. Entendemos, no quadro do pensamento do autor, que *verdade psíquica* é aquela tomada no plano lógico a partir de *fenômenos de caráter psíquico* que categorialmente venham subsidiar hipóteses ontológicas. De sua vez, *verdade psicológica* situa-se no plano semântico dos modelos teórico disponíveis em Psicologia que, como se sabe, é uma ciência especial que recorta aspectos do fenômeno afeitos a seu âmbito de investigação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- EISELE, CAROLYN (ed.). *The New Elements of Mathematics by Charles S. Peirce*. The Hague, Mouton, 1976, 4 vols. Mencionamos esta obra como *NEM*, seguida do Volume e página(s) correspondente(s).
- HARTSHORNE, CHARLES; WEISS, PAUL and BURKS, Arthur (eds.). *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1931-35 e 1958; 8 vols. Mencionamos esta obra como *CP*, seguida do Volume e parágrafo correspondente.
- ALMEDER, ROBERT. *The Philosophy of Charles S. Peirce: A Critical Introduction*. Oxford, Basil Blackwell, 1980.
- APEL, KARL-OTTO. *Charles S. Peirce – From Pragmatism to Pragmaticism*. Amherst, University of Massachusetts Press, 1981; english translation by John Michael Krois.
- GALLIE, W.B. (1975). *Peirce and Pragmatism*. Westport/Connecticut, Greenwood Press.
- HAUSMAN, CARL, R.(1993). *Charles S. Peirce's Evolutionary Philosophy*. Cambridge University Press.
- _____ (1991). "*Peirce's Evolutionary Realism*". Transactions of Charles S. Peirce Society, vol. XXVII, nº 4, 475-500.
- IBRI, IVO ASSAD. (1992). *Kósmos Noétos – A Arquitetura Metafísica de Charles S. Peirce*. São Paulo, Perspectiva / Hólon.
- _____ *Kósmos Poietikós – Criação e Descoberta na Filosofia de Charles S. Peirce*. Tese de Doutorado – USP – inédita.
- KENT, BEVERLEY. (1987). *Charles S. Peirce, Logic and the Classification of Sciences*. Kingston and Montreal. McGill-Queen's University Press.
- SHELLING, FRIEDRICH W. J. (1988). *Ideas for a Philosophy of Nature*. Cambridge at UP; translation by Errol E. Harris and P. Heath.
- TORRES FILHO, RUBENS R. (1975). *O Espírito e a Letra*. São Paulo, Ática.